

The background of the cover is white with several thick, colorful lines in shades of green, orange, blue, red, purple, yellow, and pink. These lines are arranged in a dynamic, abstract pattern, some straight and some curved, creating a sense of movement and energy. A purple rounded rectangle is positioned in the lower-middle section, containing the title text. In the top right corner, there is a circular logo with a blue background and a yellow border, containing text in various colors. At the bottom, there are two logos: one for 'arte na escola' and another for 'DVDteca' in a black box. A horizontal bar at the very bottom consists of six colored segments: purple, light blue, green, red, blue, and yellow.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

MAM: MUSEU VIVO



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

MAM: museu vivo / Instituto Arte na Escola ; autoria de Christiane Coutinho e Erick Orloski ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.
(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 83)

Foco: PCT-2/2006 Patrimônio Cultural
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia
ISBN 85-7762-014-X

1. Artes - Estudo e ensino 2. Museus 3. Arte Contemporânea 4. Museu de Arte Moderna - MAM I. Coutinho, Christiane II. Orloski, Erick III. Martins, Mirian Celeste IV. Picosque, Gisa V. Título VI. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

MAM: museu vivo

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autores deste material: Christiane Coutinho e Erick Orloski

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

MAM: museu vivo

Ficha técnica

Gênero: Documentário sobre a trajetória do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP.

Palavras-chave: Obras patrimoniais; museu; acervo; espaço expositivo, desenho museográfico; relação público e obra; coleção; história do Brasil; arte contemporânea; arte moderna.

Foco: **Patrimônio Cultural.**

Tema: A história do MAM/SP, desde a sua origem até a reforma projetada pela arquiteta Lina Bo Bardi, abordando os diversos setores que incluem a curadoria, a reserva técnica, o programa educativo, a biblioteca, entre outros.

Artistas e personalidades abordadas: Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Rebolo, Volpi, Lívio Abramo, Ciccillo Matarazzo, Diná Lopes Coelho, Carlo Tamagni e Paulo Figueiredo.

Indicação: A partir da 7ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Direção: Cacá Vicalvi.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2003.

Duração: 54'.

Coleção/Série: *Documentário.*

Sinopse

O documentário, dividido em quatro blocos, mostra a história do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, uma instituição que pode servir como referência no Brasil para quem trabalha com cultura. Apesar do vigor da instituição nos dias de hoje, o MAM tem uma trajetória que alterna momentos de intensa atuação, no panorama das artes plásticas nacionais, com

épocas de crises e dificuldades. Depoimentos de pessoas que fazem ou fizeram parte da história do MAM de São Paulo dão o tom do documentário, apresentando todos os segmentos que compõem a instituição. Os entrevistados de *MAM: museu vivo* são os curadores Tadeu Chiarelli e Maria Alice Milliet, a ex-diretora técnica Dinah Lopes Coelho e a atual presidente Milú Villela.

Trama inventiva

Obras de arte que habitam a rua, obras de arte que vivem no museu. Um vestígio arqueológico que surge em um deserto de pedra, das cidades como ruínas. Bens culturais, materiais e imateriais se oferecem ao nosso olhar. Patrimônio de cada indivíduo, memória do coletivo. Representam um momento da história humana, um marco de vida. Testemunho da presença do ser humano, seu fazer estético, suas crenças, sua organização, sua cultura. Se destruídos, empobrecemos. Quando conservados, enriquecemos. Patrimônio e preservação são, assim, quase sinônimos. Na cartografia, movemos este documentário ao território **Patrimônio Cultural**, para nos orgulharmos das realizações artísticas e encontrarmos nelas nossas heranças culturais.

O passeio da câmera

Imagens de um show do artista Lobão no auditório do museu e depoimentos de frequentadores que vibram ao falar do design do museu, da sua utilidade e seu papel ao abrigar a produção artística contemporânea do país abrem o documentário nos colocando no clima do MAM/SP, um museu vivo, pulsante e que transpira arte e inspiração.

O documentário, relativamente longo, é editado em quatro blocos. Os momentos críticos e glamourosos da trajetória do MAM são narrados de maneira relativamente linear, por pessoas com diferentes graus de envolvimento com a instituição, como os então curadores Tadeu Chiarelli e Maria Alice Milliet. O documentário dá voz, ainda, à Dinah Lopes Coelho, que assumiu a direção em 1969 e, com sua articulação política junto ao

prefeito da época, conquista uma sede para o MAM, promove festas e cria o evento anual Panorama da Arte Brasileira, acompanhado de premiações que destacam artistas brasileiros no mundo. Dona Dinah falece logo após a realização do documentário que se torna uma homenagem a ela.

A mesma forma gráfica das letras que compõem o logotipo do museu, criando a identidade visual do MAM, dá forma aos títulos dos muitos temas abordados que abrangem, desde o nascimento do museu, fundado em 1948, por iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo, passando pelas épocas de crise e dificuldades, pelas melhorias arquitetônicas com intervenções assinadas por Oscar Niemeyer e Lina Bo Bardi, até a estrutura do centro de catalogação, da reserva técnica, do setor educativo e a organização curatorial para as exposições.

MAM: museu vivo nos impulsiona a proposições pedagógicas que podem investigar: a *Mediação Cultural* e o museu como espaço social do saber; em *Saberes Estéticos e Culturais*, a arte moderna e contemporânea, além do modernismo brasileiro; em *Conexões Transdisciplinares*, a história do Brasil e seu contexto no período da lenta e ambígua implantação da modernidade. Alocado em **Patrimônio Cultural**, o documentário é mote para a investigação da criação dos museus de arte moderna, cujos acervos se constituem em bens patrimoniais brasileiros.

Sobre museus de arte moderna

Talvez, a primeira imagem que vem à cabeça daqueles que conhecem o MAM/SP seja a gigantesca aranha de bronze, uma imponente obra criada por Louise Bourgeois, que ocupa uma sala de vidro, desenhada especialmente para abrigá-la. O arranjo privilegia justamente a relação estreita entre o museu e o Parque do Ibirapuera, permitindo uma visão da peça aos que passam pela marquise.

Essa diluição dos limites entre o interior e o exterior do MAM parece ser a marca desse museu, cuja história pode nos ensinar a olhar para a criação dos grandes museus de arte moder-

na brasileiros, que sopraram e sopram ar renovado no meio artístico e na cultura.

Mas o que desencadeia o nascimento de museus de arte moderna no Brasil? Para o historiador e crítico Francisco Alambert,

as ações e mutações promovidas pelo capital privado na esfera da cultura da cidade de São Paulo irão instalar uma nova etapa no processo de formação, transmissão e recepção da arte moderna: a *era dos museus*, que irá marcar o fim da década de 1940, quando são sucessivamente fundados o Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1947, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), em 1948, e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), em 1949.¹

Os museus de arte moderna, portanto, nascem beneficiados pelo investimento privado, resultante do encontro de interesses comuns entre intelectuais e artistas com alguns grandes empresários e membros de destaque de famílias influentes, como é o caso de Yolanda Penteadó e Ciccillo Matarazzo, fundador do MAM/SP em 1948.

O projeto e o processo de fundação desses museus têm também um componente externo: a conjuntura social, política e econômica do pós-guerra, a crise na Europa e o início da afirmação dos Estados Unidos na liderança mundial. Nesse momento, o Brasil vive uma euforia desenvolvimentista que resulta na construção de Brasília. Na atuação desses “bastidores”, Nelson Rockefeller, como presidente do Museu de Arte Moderna de Nova York – MoMA, vem ao Brasil, em 1946, participar das discussões iniciais da fundação dos museus de arte moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Mas qual o interesse do MoMA na criação de museus de arte moderna no Brasil? No contexto da Guerra Fria e com interesses geopolíticos, os Estados Unidos desenvolvem um projeto “panamericanista” que tem na cultura e, nas artes em particular, um dos seus braços. Há a preocupação de disseminar a arte moderna, em particular o abstracionismo, para combater o realismo socialista propagado pelos artistas que atuam atrás da Cortina de Ferro. O MoMA tem particular influência na gestão do MAM/SP e, hoje, é um dos ícones da cultura norte-ameri-

cana, se consolidando como uma fonte de referência para ações culturais do mundo todo.

Não à toa, a primeira exposição do MAM/SP mostra *Do figurativismo ao abstracionismo*, pelo viés curatorial de Léon Degand, um crítico belga que vive na França. Curiosamente, a escolha de Ciccillo Matarazzo por esse curador deixa explícita a preferência pela produção e o pensamento plástico europeus, em face do norte-americano. Degand, por sua vez, realiza um cuidadoso processo de preparação da exposição, visando criar um ambiente e um foro de debates de questões plásticas e artísticas e, sobretudo, sedimentar alguns valores da modernidade.

Desse modo, a arte moderna, por meio da abstração, começa a desestabilizar a noção de visualidade do público. As propostas plásticas que surgem, a partir da Bienal de 1951, 2 anos depois de *Do figurativismo ao abstracionismo*, abrem caminho para novos valores artísticos, alterando de vez as idéias estabelecidas a respeito daquilo que poderia ser, até então, identificado como arte ou obra de arte.

A fundação dos museus de arte moderna, portanto, carrega promessas de projetar um país culturalmente mais denso, movendo um grande processo de mudança de mentalidade na história e na arte do Brasil.

De alguma maneira, os museus de arte moderna, cada um a seu modo, continuam a reinventar seu papel no circuito artístico, deparando-se com novas realidades no campo das artes visuais, da cultura e dos investimentos nesses setores.



Os olhos da arte

Museus são espaços simbólicos. Museus podem ser vistos como o abrigo da arte. São os museus que abrigam a arte moderna e, sobretudo, a contemporânea, determinando vários níveis de transformação de cunho ideológico e estético para a museologia.

Nesse percurso, há, por exemplo, o fim das categorias tradici-

onais, o uso de materiais, técnicas e suportes não convencionais, a negação da formação tradicional do artista nas academias. Para o público, a arte moderna propõe novas formas de apropriação da obra artística que incluem diferentes tempos de apreciação, a independência da obra de arte e os questionamentos que permitem analisar valores intrínsecos da arte.

Assim, a apreensão dos objetos apresentados nos museus será continuamente distinta e dependerá sempre do sujeito que olha e se apropria simbolicamente daquele objeto e daquela construção que é a exposição, na qual vários objetos estão em relação mútua e desencadeiam, por sua vez, uma outra experiência: a museológica.

Nesse aspecto, com a fundação dos museus de arte moderna, consagra-se um padrão de como deve ser o espaço apropriado à arte moderna. A referência é o Museu de Arte Moderna de Nova York – MoMa, como explica a historiadora Lisbeth Rebollo Gonçalves:

Sua maneira de apresentar as exposições de arte será difundida por toda parte como o modo ideal para mostrar ao público a arte moderna. As salas do MoMA são pintadas de branco, com aparente pequena intervenção na apresentação das obras expostas. Elas são distribuídas no espaço expositivo, respeitando a altura do olhar do visitante e preservando determinada distância entre si.²

As paredes brancas – cubo branco – marcam a disposição e a apresentação das obras nas exposições dos museus de arte moderna brasileiros, colocando em evidência a questão da autonomia da arte e a leitura formal da arte em exposição. Tais aspectos imprimem o significado de que a obra fala por si mesma, bastando ao público ter competência sensorial e, sobretudo, cognitiva para que a obras se tornassem inteligíveis.

Por sua vez, Lina Bo Bardi, no projeto arquitetônico do Masp³, projeta uma área interna sem divisões e paredes laterais totalmente envidraçadas que, aliadas à fixação de obras em cavaletes de vidro e concreto, permitem aos visitantes uma visão de todo o espaço e de todas as obras, sem nenhum tipo de direção. Lina, assim, dessacraliza um modelo expositivo acadêmico, optando por um modernismo seco, sem adereços.



Fachada do Museu de Arte Moderna de São Paulo - Foto: Luigi Stavale

Ao longo do tempo, nota-se que os museus, enquanto instituições culturais, têm a preocupação em adequar duas linguagens diferentes: arte e exposição museológica. O diálogo entre as obras de arte em sua colocação no espaço expositivo vai se afastando cada vez mais do critério de agrupamento cronológico ou por linguagens, já que o discurso visual expositivo passa a ser construído pela própria idéia de curadoria, como sendo um processo de escolha e partido estético-conceitual adotado.

Desse modo, **uma nova linguagem de museu nasce com propostas que oferecem trajetos expositivos com possibilidades de leitura de obras de arte para além da figura do artista, das contingências da biografia, deslocando a atenção do público para as próprias obras, consideradas em seus aspectos plásticos, independentes de considerações de ordem histórica.**

Por outro lado, com a implantação da modernidade através da criação de museus de arte moderna e centros culturais, a exposição temporária passa a ser a tática da arte moderna em seu contínuo questionamento da tradição. Desde então, cresce a tensão entre exposições permanentes e temporárias, tendo em

vista que a grande parte dos recursos públicos e privados são direcionados para as exposições temporárias. Em decorrência, os museus sem recursos financeiros constantes enfrentam dificuldades para manter uma exposição permanente do próprio acervo ou mesmo o seu estudo, a sua preservação e a aquisição de novas obras de arte.

Hoje, no Brasil, as exposições temporárias se tornam cada vez mais um negócio. Na escolha entre o freqüente ou o eventual, corre-se o risco das obras de arte perderem importância diante do que podem render como elementos de outra obra – a exposição. Seria essa a vocação do marketing cultural?

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a assistir ao documentário, anotando as questões que achar mais relevantes. Assim, você iniciará um diário de bordo, no qual poderá registrar também todo o processo vivenciado junto aos alunos. Sugerimos uma pauta do olhar que pode ajudá-lo.

- O que o documentário desperta em você?
- Como você percebe a história do MAM/SP e seus protagonistas no contexto da formação de museus de arte moderna no Brasil?
- Como você percebe a atuação dos funcionários junto à instituição?
- O documentário lhe faz perguntas? Quais?
- Para você, o documentário tem potência para desenvolver qual estudo sobre arte?
- Como você prevê o uso do documentário? Por qual bloco começaria a exibição para seus alunos? Por quê?

A leitura de suas anotações, após assistir ao documentário, pode ajudar no planejamento das aulas, assim como na criação de uma pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos.



Percursos com desafios estéticos

Considerando as múltiplas possibilidades de abordagem e o foco **Patrimônio Cultural** escolhido para o documentário, apontamos alguns encaminhamentos que podem se desdobrar, de modo ampliado, ou serem transformados por você, na adequação às suas intenções junto aos alunos.



O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

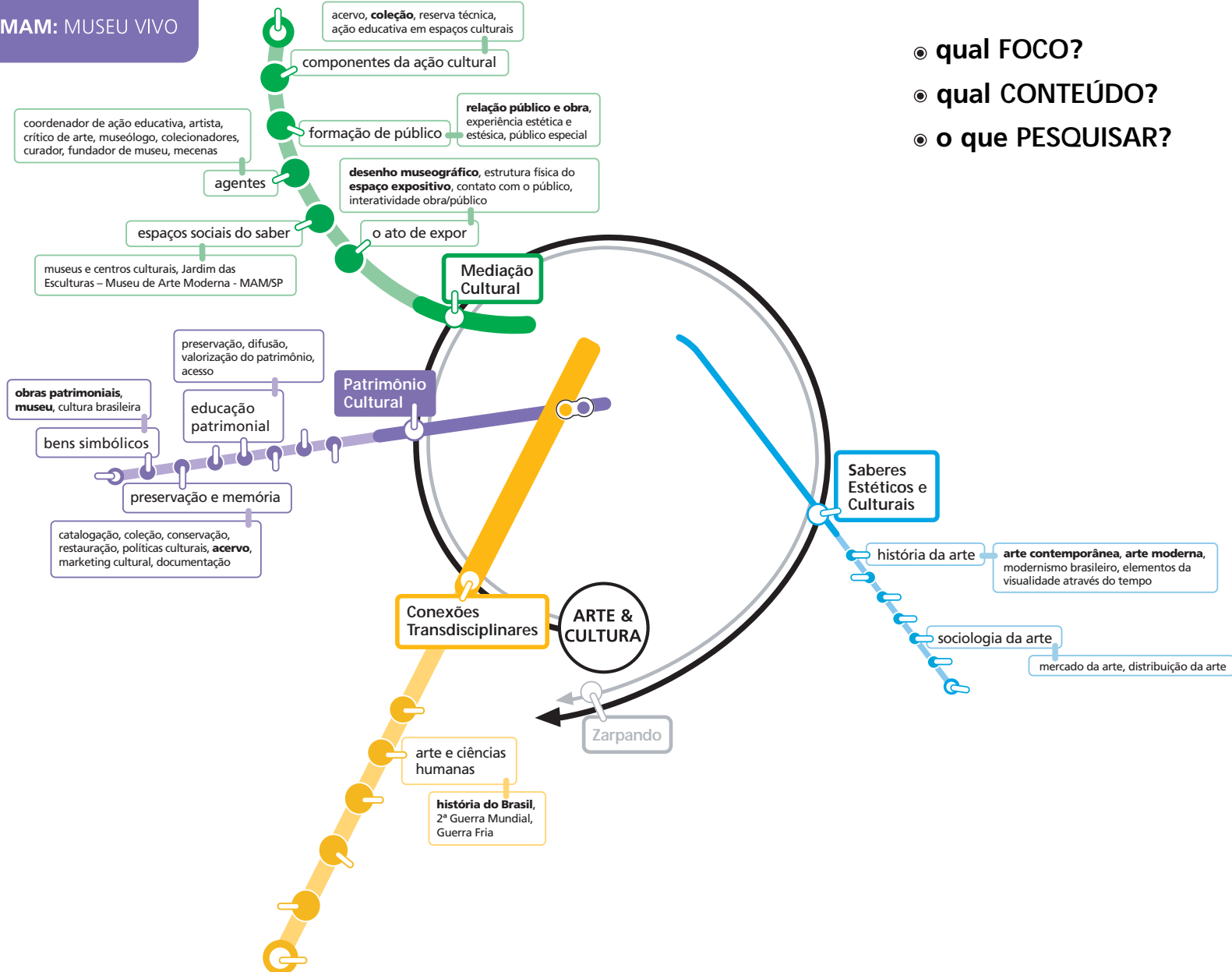
Os museus nem sempre estão presentes na vida da população em geral como idealmente deveriam estar. Muitas vezes, independente da idade, não é incomum o depoimento de pessoas que nunca visitaram um museu ou, quando visitaram, que não tenham a memória de uma experiência significativa. Por isso, sugerimos três formas de incentivar seus alunos a conhecerem não só o MAM/SP, mas outros museus e espaços culturais de sua cidade.

🕒 Visite um museu!

Organize na escola uma visita a um museu. Caso sua cidade seja São Paulo, é uma boa oportunidade para visitar o MAM. Junto à instituição, agende o dia e faça a visita oferecida pelo serviço educativo. Estimule seus alunos a participarem, a interagirem com a monitoria. Não se preocupe demasiadamente em fazê-los absorver todas as informações que forem levantadas, pois esse processo ocorre naturalmente. É interessante preparar os alunos para a visita, elaborando uma pauta do olhar. Mas, cuidado! A pauta do olhar não é uma seqüência de perguntas como se fosse um questionário a ser respondido. A pauta deve ser um instrumento que proponha alguns focos, auxiliando seus alunos a uma investigação pelo olhar.

Ao regressar à escola, proponha uma conversa sobre a visita. Listando os pontos mais interessantes, os alunos po-

Mapa potencial
MAM: MUSEU VIVO



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

dem ir percebendo como foi a visita, os vários segmentos presentes nela: o monitor, os atendentes, a exposição, o espaço do museu, organização, obras... Depois, exiba o documentário a partir do segundo bloco, focalizando os diversos departamentos que constituem um museu. Retome a discussão após a exibição. Quais aspectos chamaram mais a atenção dos alunos? Quais relações são estabelecidas com a visita vivenciada?

● **Museu virtual**

Muitos museus como o MAC/USP, o Masp, o próprio MAM/SP e outros museus de diversos estados e de outros países oferecem aos internautas uma galeria virtual, na qual é possível visualizar imagens de obras de seus acervos. A visita virtual possibilita uma discussão, por exemplo, de conceitos como: colecionismo, curadoria, exposições de arte e reprodução de imagens. Após a conversa sobre esses conceitos, você pode perguntar: como nascem os museus? Um levantamento de hipóteses dos alunos sobre a pergunta oferece o caminho para a exibição do primeiro bloco do documentário. O que os alunos descobriram após a exibição?

● **Os bastidores do museu**

Além das salas de exposição, o que os alunos imaginam que há num museu? A pergunta pode desencadear uma conversa cercando o que sabem sobre acervo, reserva técnica, curadoria, setor educativo, setor de catalogação, entre outros. Em seguida, faça a exibição do terceiro e quarto bloco do documentário. As imagens e depoimentos ampliaram a compreensão dos alunos sobre “os bastidores do museu”?

Animados pelo documentário, convide os alunos para uma reflexão geradora de outras propostas que apontem outras questões no mapa de desafios estéticos deste documentário. O importante é ter escuta e observação sensíveis para aproveitar todas as questões dos alunos, envolvendo-os no projeto.

Desvelando a poética pessoal

Retomando o documentário, pode-se ver o Jardim de Esculturas que mantém a exposição ao ar livre de obras do acervo do MAM/SP. Nesta proposição, a proposta é que seus alunos, tocados por essa idéia, trabalhem ao ar livre em espaços externos à sala de aula: no pátio, na quadra ou no jardim, caso haja um em sua escola.

A idéia é a experimentação na linguagem tridimensional com materiais como cabides de arame, sarrafos de madeira, caixas de papelão, barbante, tecidos que podem ser torcidos, papéis diferentes, etc... Converse com os alunos sobre a linguagem tridimensional, encorajando-os à construção de diferentes "esculturas", utilizando o mesmo material ou outros variados. Projetos, esboços, diálogo com as matérias, além da discussão sobre o espaço para a montagem, devem ser amplamente discutidos e acompanhados.

Prontos os trabalhos, como os alunos propõem a montagem no espaço ao ar livre? Durante o tempo em que os trabalhos ficam em exposição, o que provocam nas pessoas?

Ampliando o olhar

- A década de 1930, momento de florescimento cultural entre guerras, fez surgir sessenta e seis museus de arte moderna em toda a Europa. Um levantamento na internet sobre museus de arte moderna aqui no Brasil e no mundo possibilita um aprofundamento sobre os modos de organização até a constituição dos acervos.
- A organização presente no MAM/SP é um dos aspectos que movem o seu bom funcionamento. Comparar a estruturação do museu à da escola pode impulsionar os alunos a conhecerem melhor a história da sua escola. Proponha uma investigação sobre como se deu a fundação da escola (quem fundou, quando, qual era a sua arquitetura na época), quais

são os setores que fazem parte de sua organização (diretoria, biblioteca, almoxarifado, as equipes de docência, de segurança, de limpeza, de coordenação, alunos) e qual o envolvimento dos seus funcionários. Quais as diferenças e semelhanças entre o museu e a escola?

- A investigação sobre a montagem de uma exposição no MAM/SP ou outro museu de sua cidade é um modo de aproximação a diferentes questões museológicas. Durante a visita ao museu, alguns pontos podem ser observados como: de que modo as obras são apresentadas? Há paredes brancas – o “cubo branco”, ou as paredes são pintadas e eliminadas como suporte expositivo? A disposição das obras obedece a qual discurso visual? Cronológico? Agrupamento de obras por linguagens, por tema, por artista, por núcleos que aproximam determinadas obras? A exposição é com obras do acervo ou é temporária?
- A primeira exposição do MAM/SP, denominada *Do figurativismo ao abstracionismo*, inicia o maior debate da arte brasileira desde a Semana de 22: a oposição entre a estética figurativa e a abstrata. Apresentar aos alunos obras de artistas figurativos e de artistas totalmente abstratos é um modo de ampliação do olhar sobre as particularidades de cada uma dessas formas de expressão. Quais artistas você selecionaria para mostrar?



Conhecendo pela pesquisa

- A história de São Paulo está interligada à história do MAM. Assuntos que podem ser pesquisados: toda a mudança arquitetônica do centro da cidade; as histórias envolvendo os operários; a importância da contribuição dos imigrantes e migrantes que vieram em busca de trabalho; o envolvimento do governo e da população na conhecida comemoração do 4º centenário da cidade. Textos das autoras Aracy Amaral e Márcia Camargo podem embasar essa pesquisa e, se você quiser complementar os estudos com uma combinação de história e literatura, é oportuno ler *A capi-*

tal da solidão, de Roberto Pompeu de Toledo, todos indicados na bibliografia.

- © Partindo da idéia de que o próprio MAM/SP estende suas atividades ao comércio da arte, é possível pesquisar a questão mercadológica de nosso mundo contemporâneo. Esse estudo nos ajuda a entender, em parte, a produção artística de nossa atualidade. O mercado de arte parece influenciar as seleções de salões de arte e inclusive das Bienais Internacionais de São Paulo. Muitos são os artistas que produzem para uma determinada galeria de arte, responsável pela negociação e venda de suas obras. Presentes não só na comercialização de obras de arte, as galerias, juntamente com os centros culturais, são espaços abertos ao público e responsáveis por grande parte das exposições de arte contemporânea. Uma boa fonte de pesquisa para “assuntos igualmente contemporâneos” são os periódicos. Jornais, revistas e a internet sempre trazem as novidades sobre arte contemporânea, importantes para pensarmos sobre o mundo em que vivemos.
- © Pensar em museus, formação de público, história e patrimônio é pensar também no papel da educação. Muitas instituições culturais (possivelmente a maioria delas) oferecem ao público um serviço educativo de atendimento dos grupos às suas exposições, por vezes, ampliando-se para outros projetos educativos, como cursos, palestras, workshops. Geralmente esse serviço possui uma determinada abordagem teórica. O que os alunos podem descobrir sobre o serviço educativo dos museus ou centros culturais de sua cidade?
- © O que é curadoria? Quais os modelos mais comuns na estrutura do sistema atual de exposições? Quando surgiu a figura do curador? Por que há um destaque especial para o curador nos últimos 20 ou 30 anos? Para alimentar a investigação sobre essas questões, sugerimos o documentário *Crítica e curadoria nas artes plásticas*, disponível na DVDteca Arte na Escola.

Amarrações de sentidos: portfólio

Para que os alunos tenham uma percepção global de todo o percurso de estudo, é interessante a elaboração de um portfólio. Sugerimos que os alunos pensem o portfólio como um acervo: um local onde informações valiosas ficam protegidas e guardadas de forma clara, podendo ser apresentadas assim que for necessário. É preciso muita organização para que toda a coleção não se misture aleatoriamente, portanto, é importante algum tipo de ordenação, baseada em critérios dos próprios alunos. A reserva técnica desse acervo é uma opção dos alunos (uma caixa, em receptáculo, uma proteção de tecido), que poderão também fazer uma curadoria dos diversos materiais (conhecimentos) para apresentar ao seu público (professores e restante da turma).

Valorizando a processualidade

A “exposição dos portfólios” pode ser um modo de alimentar as discussões de uma mesa redonda. Cada aluno pode falar sobre seu “acervo individual”, o que guardou e quais os critérios ou juízos usados na escolha do que foi apresentado. Das relações individuais, você pode abrir para o coletivo, mapeando os avanços e o que os alunos percebem que estudaram.

É importante que você também retome o seu diário de bordo e reveja todo o seu processo. Certamente você aprendeu muito, tanto com as suas pesquisas, quanto com seus alunos. Em que pontos você percebe que modificou seu fazer pedagógico? Qual a contribuição do documentário para essa mudança?

Glossário

Acervo – grande quantidade. Por extensão, em arte designa o montante de obras de uma galeria, museu ou colecionador. Fonte: <www.oswaldogoeldi.com.br>.

Arte moderna – o termo arte moderna engloba as vanguardas européias do início do século 20 – dentre as quais cubismo, construtivismo, surrealismo, dadaísmo, suprematismo, neoplasticismo e futurismo – do mesmo modo que acompanha o deslocamento do eixo da produção

artística de Paris para Nova York, após a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). No Brasil, a arte moderna – ou modernista – tem como marco simbólico a produção realizada sob a égide da Semana de Arte Moderna de 1922. Já existe na crítica de arte brasileira uma considerável produção que discute a pertinência da Semana de Arte Moderna de 1922 como divisor de águas. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>.

Cultura – “A Cultura do Homem compreende suas idéias, valores, seu imaginário, sua criação intelectual ou intelectual e material: a cultura proporciona elementos objetivos e concretos, não apenas para a sobrevivência do Homem e sua realização histórica, mas é, também, e ao mesmo tempo, reflexo e instrumento para a mudança da qualidade do conjunto das relações sociais.” Fonte: GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.3, p. 9, out. 1990.

Curador – “Atualmente, um curador está para as artes plásticas como um diretor está para o teatro ou para o cinema. (...) O curador escolhe um conceito, a partir do qual seleciona as obras, a iluminação, ambientação, etc. Assim como há estilos de direção, existem estilos de curadoria. Há curadores mais científicos e críticos, há aqueles que se especializam em determinado período histórico ou em um artista. (...) A designação, tal como a conhecemos hoje, surgiu há cerca de 20 anos, a partir da profissionalização do sistema de arte que criou novos papéis, como os do museólogo (que realiza laudos técnicos das obras), do courier (que as acompanha) e das transportadoras e seguradoras especializadas”. Fonte: MATTAR, Denise. *O papel da curadoria e o resgate dos artistas*. Disponível em: <<http://bancobrasil.com.br/appbb/portal/bb/ctr/art/ArtigoCompl.jsp?Artigo.codigo=1187>>.

Exposição – é um espaço social de contato com um determinado saber. René Vinçon propõe a idéia de “ativação” para compreender a exposição de arte como a apresentação de obras que põe em atividade uma experiência, ao mesmo tempo, estética e social. A exposição é, para esse autor, um campo para a vivência do efeito estético e para a aproximação de um conhecimento sensível da realidade. A exposição pode ser entendida, ainda, como um processo de comunicação, uma mediação. Fonte: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 30.

Identidade cultural – “Não há desenvolvimento cultural sem o embasamento de experiências já realizadas; sem invenções artísticas e sociais vinculadas à tradição. Eruditas ou populares, estas são as marcas da história e da identidade de um grupo social. Constituem a memória coletiva que alimenta um processo em evolução. Os objetos representativos dessas experiências e invenções são os elementos tangíveis dessa memória.”

Fonte: CAMPELLO, Glauco. *Ações pelo patrimônio*. Disponível em: <www.minc.gov.br/textos/olhar/acoespatrimonio.htm>.

Marketing cultural – é toda ação de marketing que usa a cultura como veículo de comunicação para difundir o nome, produto ou fixar imagem de uma empresa patrocinadora. Ao patrocinar um show, por exemplo, a empresa pode não só associar sua marca àquele tipo de música e público como também oferecer amostras de produto (promoção); distribuir ingressos para os seus funcionários (endomarketing); eleger um dia exclusivo para convidados especiais (marketing de relacionamento); enviar mala-direta aos consumidores/clientes, informando que o show está acontecendo e é patrocinado pela empresa (marketing direto); mostrar o artista consumindo o produto durante o show (merchandising); levantar informações gerais sobre o consumidor por meio de pesquisas feitas no local (database marketing); fazer uma publicação sobre o evento (marketing editorial); realizar uma campanha específica destacando a importância do patrocínio (publicidade) e muitas outras ações paralelas que têm o poder de ampliar o raio de alcance da ação de marketing cultural. Fonte: <www.marketingcultural.com.br>.

Museografia – conjunto de técnicas que permitem fazer a coleção, conservá-la e exibi-la. A museografia trabalha dentro dos museus para tornar as exposições possíveis. Ao lado da informação documental, há o desenho museográfico que envolve a distribuição da obra no espaço, o uso da luz, o emprego de cor nos painéis e paredes, a criação especial de um ambiente, todos esses elementos conduzem estrategicamente à mensagem estética projetada pela exposição. A museografia, além disso, pode incorporar as novidades tecnológicas, dando uma dimensão dinâmica e atual à exposição. Fonte: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 34-35.

Museu – o museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer. As atividades de interpretação e uso das coleções de um museu são muito variadas – exposições, cursos, palestras, seminários, oficinas, entre outras – mas todas devem estar fortemente identificadas com as expectativas da comunidade, demonstrando que o museu é uma organização a serviço do público. Fonte: <www.iphan.gov.br>.

Patrimônio cultural – o patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados ao patriotismo, à ética e à soli-

dariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica. Os sentimentos que o patrimônio evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas. Patrimônio cultural é, portanto, a soma dos bens culturais de um povo. Fonte: <www.iepha.mg.gov.br>.

Preservação – “É uma consciência, mentalidade, política (individual ou coletiva, particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvar o Patrimônio. Resguardar o bem cultural, prevenindo possíveis malefícios e proporcionando a este condições adequadas de ‘saúde’. É o controle ambiental, composto por técnicas preventivas que envolvam o manuseio, acondicionamento, transporte e exposição.” Fonte: SÁ, Ivan Coelho de. *Oficina de conservação preventiva de acervos*. Porto Alegre: Museu Militar do Comando Militar do Sul, 2001, p. 3 e p. 42.

Restauração – “É um tratamento bem mais complexo e profundo, constituído de intervenções mecânicas e químicas, estruturais e/ou estéticas, com a finalidade de revitalizar um bem cultural, resgatando seus valores históricos e artísticos. Respeitando-se, ao máximo, a integridade e as características históricas, estéticas e formais do bem cultural, deve ser feito por especialistas.” Fonte: SÁ, Ivan Coelho de. *Oficina de conservação preventiva de acervos*. Porto Alegre: Museu Militar do Comando Militar do Sul, 2001, p. 3 e p. 42.

Bibliografia

- ALAMBERT, Francisco. *As bienais de São Paulo: da era do museu à era dos curadores (1951-2001)*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AMARAL, Aracy (org.). *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.
- BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- CAMARGOS, Márcia. *Em que ano estamos?: uma expedição pela história de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: Edusp, 2004.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Seleção de endereços de museus na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 18 fev. 2006.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://bienalsaopaulo.globo.com/fundacao/index.asp>>.

MAM/RJ. Disponível em: <www.mamrio.com.br>.

MAM/SP. Disponível em: <www.mam.org.br>.

MASP. Disponível em: <<http://masp.uol.com.br/default.asp>>.

MoMA. Disponível em: <www.moma.org>.

MUSEUS NO BRASIL. Disponível em: <www.museus.art.br/index.html>.

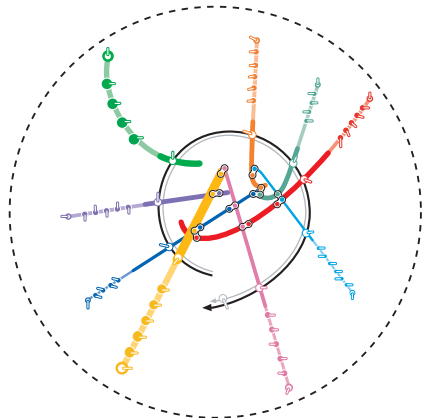
PATRIMÔNIO CULTURAL. Disponível em: <www.iepha.mg.gov.br/sobre_cultura.htm>.

Notas

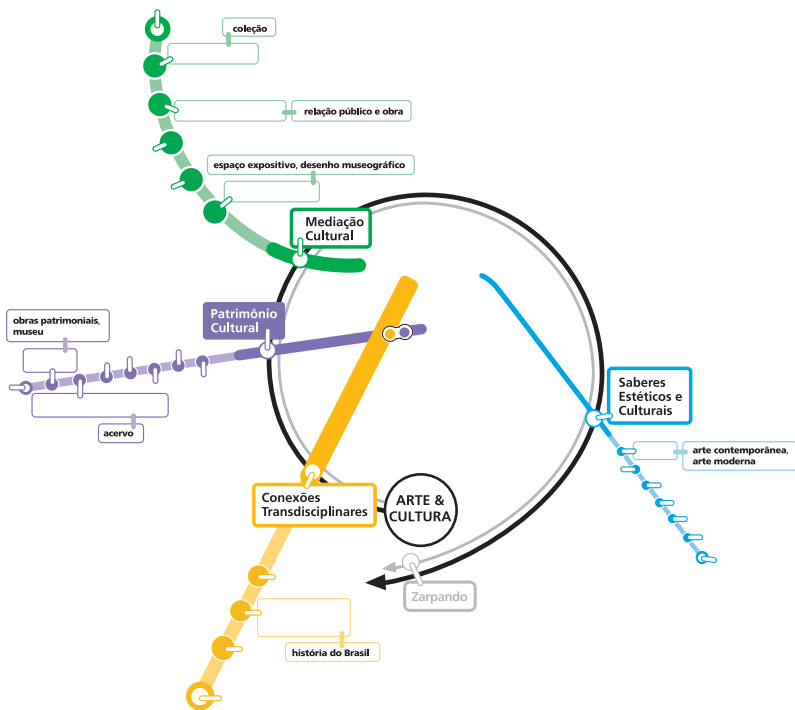
¹ Francisco ALAMBERT, *As bienais de São Paulo: da era do museu à era dos curadores (1952-2001)*, p. 26.

² Lisbeth Rebollo GONÇALVES, *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*, p. 54.

³ Para saber mais, consulte o documentário *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand: a aventura do olhar*, na DVDteca Arte na Escola.



Mapa potencial
MAM: MUSEU VIVO



Patrocínio **Organização**



FUNDAÇÃO
IOCHPE



www.artenaescola.org.br